

NOSTALGIA DE PARIS: CULTURA FRANCESA NAS CRÔNICAS BRASILEIRAS DO COMEÇO DO SÉCULO

Maurício Silva
USP

Em seu excelente livro sobre a literatura brasileira no início do século, Brito Broca lembra um episódio sintomático dos fatos aqui sugeridos: escrevendo uma crônica para o *Correio do Povo*, Artur Azevedo comenta a mais recente viagem - entre as muitas que realizou - de Olavo Bilac a Paris, afirmando estar o grande poeta parnasiano na iminência de adquirir uma curiosa doença que, se não tratada a contento, fatalmente o levaria à morte - a nostalgia de Paris. (BROCA, 1960; BROCA, 1993) Evidentemente, trata-se de um exagero do cronista ou, mais do que isso, uma fantasia sobre a figura do poeta brasileiro, mas que, de qualquer modo, pode ser tomado como um episódio emblemático do apego de nossos artistas pela vida parisiense, o que pode ser percebido em diversos índices de nossa vida cultural: poetas que escreviam em francês (Alphonsus de Guimaraens) ou que, além disso, adotavam pseudônimos franceses (Jacques d'Avray); intelectuais que viajavam periodicamente para a França (Luís Edmundo, Gilberto Amado); autores que escreviam obras voltadas quase que exclusivamente para a realidade gaulesa (Théo Filho com *365 Dias de Boulevard*, Thomaz Lopes com *Corpo e Alma de Paris*, Nestor Vítor com *Paris*); revistas que adotavam como modelo símile francesas (*Revista Americana*, tendo como modelo a *Revue des Deux Mondes* ou *Eu Sei Tudo*, baseada na *Je Sais Tout*); defensores inveterados da França, diante do poderio alemão, durante a Primera Guerra (José Veríssimo).

Tudo isso era mais ou menos exposto em forma de crônica nas páginas efêmeras de nossos jornais e revistas, revelando assim a verdadeira dimensão do interesse nacional pela

realidade estrangeira. Nesse sentido, eram muitas as temáticas francesas tratadas em crônicas ao longo das primeiras décadas do século XX, época aliás que conheceu uma autêntica explosão desse gênero no Brasil: da pedagogia francesa (Humberto de Campos, em *Mealheiro de Agripa*) e da influência da dança na sociedade gaulesa (Martins Fontes, em *Fantástica*) até a guerra franco-prussiana (Filinto de Almeida, em *Colunas da Noite*) e a Revolução Francesa (Antonio Torres, em *Verdades Indiscretas*), passando ainda pelo mobiliário francês (Gonzaga Duque, em *Graves e Frívolos*) e pela apologia da civilização gaulesa (Hermes Fontes, em *Juízos Ephemeros*), não são poucos os assuntos relacionados à França, tratados em nossas crônicas jornalísticas. (CÂNDIDO, 1992; MARTINS, 1972; DIMAS, 1974) Evidentemente, tornar-se-ia um trabalho demasiado prolixo - se não, impossível - tentar arrolar e desenvolver aqui todos estes temas, motivo pelo qual optamos por eleger pelo menos três dos assuntos recorrentes em nossas crônicas, aos quais procuraremos nos ater daqui em diante: trata-se de temáticas relacionadas à linguagem, ao urbanismo e à moda franceses.

*

A língua francesa sempre serviu, em maior ou menor grau, como modelo de expressão a ser seguido pelos nossos artistas e intelectuais, muitos dos quais não se intimidaram em empregá-la preferencialmente para algumas de suas obras: o exemplo de Joaquim Nabuco, cujo livro *Pensées Détachées* teria sido acatado pela crítica francesa como obra distinta de desconhecido autor francês, parece ser o mais cabal. É verdade que a adoção indiscriminada da língua francesa em nossa vida social ou o uso freqüente de galicismos por nossos romancistas e poetas acabou gerando um série de críticas à essa febre imitativa. É o que sugere, sobre o primeiro aspecto, uma crônica que Coelho Neto escreveu para o jornal *A Noite* em 1920, em que o romancista maranhense hostiliza o uso da língua

francesa nas tabuletas comerciais da cidade ou nos nossos elegantes salões literários, numa incisiva defesa da língua nacional:

sentimo-nos agora no que é nosso e estamos livres dos solecismos barbaros com que, tão de contínuo, nos arrepellavam os ouvidos (...) Pudesse o Prefeito tornar extensiva a sua autoridade á mania ridicula, que impéra nos salões elegantes, das recitações afrancelhadas e sentiríamos mais no intimo d'alma a nossa patria que tem na língua formosa em que se exprime uma das suas maiores riquezas; (NETO, 1922, p. 190/191)

ou, sobre o segundo aspecto, uma crônica de Souza Bandeira, em que o autor, ao tratar do estilo individual e elevado de Euclides da Cunha, afirma peremptoriamente:

não se lhe encontram as preciosidades alambicadas dos que, acostumados á unica leitura dos livros franceses, enchem os seus escritos de grosseiros galicismos, imitação servil dos autores que lhes forneceram o substrato da elaboração mental. (BANDEIRA, 1917, p. 28)

Mas atitudes como estas, de hostilidade à língua francesa, pareciam constituir-se numa exceção, já que, via de regra, o comportamento dos cronistas ia da simples anuência à completa apologia do idioma, posições aliás que encontravam suporte científico nos mais respeitados gramáticos da época.(BARRETO, 1903; ALI, 1930)

É o que se pode depreender destas palavras do cronista baiano Arthur Neiva que, escrevendo para *O Estado de São Paulo* e para a *Revista do Brasil* uma defesa da língua inglesa, não deixa de comentar a respeito da francesa:

nas altas espheras do Brasil ainda lavra a convicção de que a francez é a língua universal (...) a língua mais vulgarizada entre nós é a franceza. Quasi toda a cultura artistica e scientifica nos chega através dos livros e revistas de França (...) O Brasil continua servindo de resonador para tudo quanto a França faz, nós somos o seu éco e tal função nos envaidece. (NEIVA, 1927, p. 24/25/26)

Curiosamente, a principal defesa da língua francesa que se pode encontrar na época provém de Coelho Neto, o mesmo que, seis anos antes, condenava sua influência na vida

literária nacional. Com efeito, em seu discurso-crônica realizado na Academia Brasileira de Letras para recepcionar Paul Hazard (1926), o autor faz a um só tempo uma defesa contundente do purismo idiomático e um elogio encomiástico ao francês:

Da França, nossa principal educadora, uma das lições que mais devíamos observar é justamente a que, com indiferença condenável, descuramos, e essa é a do culto do vernáculo (...) Conhecemos o vosso idioma, senhor Professor, e delle assiduamente nos servimos. Com elle percorremos os longos cyclos do Tempo, familiarisando-nos com todos os illuminadores da Humanidade - os pharões de genio plantados no estirão das eras: na Poesia, na Arte, na Sciencia (...) Foi elle o nosso 'ciceroni' nas viagens espirituas que fizemos. (NETO, 1928, p. 157/159)

De fato, a língua francesa parece ter sido um dos temas privilegiados por nossos cronistas, no tratamento de assuntos ligados diretamente à cultura francesa.

Mas há ainda outras temáticas que fizeram parte do universo de preocupações literário-jornalísticas dos autores brasileiros, e talvez nenhuma outra matéria tenha sido objeto de tanta atenção como as questões relacionadas à urbanização do Rio de Janeiro durante o governo de Rodrigues Alves (1902-1906), que tinha como modelo inegável as transformações urbanas sofridas por Paris a partir da segunda metade do século XIX. Foi, aliás, com base nas reformas realizadas por Haussmann na capital francesa, que Pereira Passos logrou concretizar o principal plano urbanístico da Primeira República, já idealizado anteriormente e aperfeiçoado por seus sucessores. (ATHAYDE, s.d.; BENCHIMOL, 1990)

Paris era o modelo ideal para estas reformas, como de resto serviria de referência para toda a atuação administrativa durante as primeiras décadas republicanas: nesse sentido, buscava-se sofregamente ressaltar aspectos similares entre as duas capitais, procurando - por meio de um artifício muito mais retórico do que real - um paralelismo entre as civilizações francesa e brasileira. A idéia, aliás, era equiparar ambas as realidades, a fim de fazer com que o Brasil entrasse definitivamente no compasso dos países civilizados.

As crônicas que se espalhavam pelas páginas de nossos periódicos, nesse aspecto, faziam uma campanha obsedante em favor da aproximação das duas capitais por intermédio das reformas urbanas. Jornalistas anônimos de uma revista como a *Ilustração Brasileira*, por exemplo, empenhavam-se em louvar os melhoramentos urbanísticos da capital, não sem fazer referência explícita ao modelo, quando afirmavam:

a seguir nesse andar rápido, vertiginoso, pode-se garantir que dentro de dez annos, no maximo, nossa muito leal cidade nada terá que invejar Paris; (R., 1910, p. 59)

ou ainda, no mesmo periódico, ao comparar a atual situação de um logradouro da cidade com o que era antigamente, diziam possuir hoje uma -

perspectiva de ultra-civilização que só pode ser comparada a Paris. (ANÔNIMO, 1909, p. 70)

Este é um discurso que se repete ao longo de toda a primeira década do século XX, sem grandes alterações, e estende-se inclusive às páginas de nossos romances e novelas. Mas talvez o elemento urbano mais emblemático dessa relação seja a construção da Avenida Central que, desde o seu projeto, já pressupunha a capital francesa como modelo. Louvada em prosa e verso, a elegante artéria foi, de fato, construída nos moldes dos boulevares parisienses, o que fica claro nas muitas crônicas que se escreveu sobre o assunto, mas sobretudo naquelas publicadas pela não menos elegante revista *Kosmos*, desde o princípio empenhada em registrar as transformações urbanas da cidade em geral e da Avenida Central em particular, cujos caracteres - no dizer de um de seus cronistas -

tinham de assemelhar-se aos dos boulevards de Paris. (LISBOA, 1904)

Mais do que um mero capricho da administração municipal, as transformações

urbanas realizadas no Rio de Janeiro durante as primeiras décadas do século XX representaram uma ânsia irrefreável de modernização da cidade; uma radical tentativa de tornar uma paisagem considerada extremamente arcaica, num local totalmente civilizado; uma ação - muitas vezes inconseqüente - no sentido de higienizar um espaço público que se queria representativo da nacionalidade brasileira. Trata-se de um empreendimento cujos resultados extrapolam os meros limites da atividade urbanística, para atuar sobre o próprio comportamento social de toda a população: nesse sentido, tal reforma trazia em seu âmago, sub-repticiamente, a tentativa de saneamento moral dos costumes e a instauração de novos padrões de sociabilidade. (PECHMAN, 1985; BRESCIANI, 1985) Ambos os propósitos, aliás, mantinham um vínculo - tácito ou explícito - com os moldes franceses de civilização, objetivo final que se buscava atingir e a que os cronistas do começo do século jamais deixaram de fazer referência.

O último aspecto da relação cultural franco-brasileira a ser analisado aqui é, como já aludimos, a moda. Como ocorreu com a questão da linguagem e com a urbanização, também no que concerne à moda - no sentido limitado de hábito de vestuário - os vínculos entre as duas culturas são evidentes, fazendo mais uma vez com que os cronistas não economizassem comentários a esse respeito. O fato é que a moda - sobretudo no Brasil do começo do século - serviu como pretexto para discussões muito mais amplas do que esta temática pode sugerir: por meio dela, refletiu-se sobre aspectos morais da sociedade, o comportamento dos indivíduos (principalmente das mulheres), relacionamentos familiares, mudança de hábitos sociais e até relações de dependência cultural. Qualquer que fosse a discussão em pauta, contudo, os cronistas procuraram nunca perder de vista a necessária conjunção entre a moda francesa - preponderante até pelo menos a década de 1920 - com a brasileira. (TSEELON, 1992; DENIPOTI, 1994)

Com efeito, a moda francesa era referência obrigatória nas páginas de nossos periódicos mundanos, como revela a coluna intitulada “Correio da Moda”, escrita pela Baroneza de Mayorville, na já aludida *Ilustração Brasileira*. Sob uma perspectiva diferente, mas não menos galocêntrica, um autor anônimo não hesitaria em lamentar profundamente o fato de a moda de Paris estar perdendo terreno, já em 1917, para a americana, num comentário revelador das relações franco-brasileiras nesse terreno:

as yankees têm numerosos e apreciáveis dotes; mas não são parisienses: falta-lhes a inspiração de que Paris nos deu durante quasi um seculo de exuberantes demonstrações. (ANÔNIMO, 1917, p. 107)

É verdade que semelhante dependência acabou dando origem a notas mais ou menos irascíveis contra o fato de copiarmos - em condições totalmente adversas e contrárias às francesas - o vestuário parisiense; além disso, pelo menos num primeiro instante, a moda francesa foi considerada ousada para os rígidos padrões de comportamento, ainda patriarcais, da sociedade brasileira. Mas esta não é uma discussão que possa ser travada em poucas linhas, além de se tratar de opiniões que destoavam da perspectiva geral - via de regra, marcada pela anuência - que se tinha das relações franco-brasileiras no que se refere à moda.

Passado o primeiro impacto, o ambiente acabava sendo de quase total aceitação, destacando-se o elogio aberto e irrestrito. E quando não ocorria assim, limitava-se a um conivente *registro documental*, bem de acordo com a idéia que os próprios cronistas tinham de seu papel na sociedade. Nesse sentido, uma das mais curiosas e sintomáticas passagens da crônica nacional sobre as relações acima aludidas pode ser encontrada na pena ponderada de João Luso:

A toilette fluminense é a toilette parisiense, sem maior diferença cronológica que a dos quinze dias da travessia do Atlântico, com escalas. Tivemos recentemente uma prova disso, registrada em vários jornais: convidada para um baile do Club dos Diários, Mme. Paul Adam encontrou naquele recinto do luxo carioca, três vestidos da mesma nuance e do exacto feitio do seu - que ela mandara fazer, com outros, na véspera da viagem. Realmente, no que respeita a modas, estar em Paris ou no Rio, apesar da distância e do desencontro dos climas, é a mesma cousa. (LUSO, 1923, p. 12)

Sem dúvida nenhuma, também no que diz respeito à moda, a presença da cultura francesa no Brasil do começo do século é mais do que uma mera coincidência: é, antes de tudo, o resultado de uma atitude de deliberada imitação por parte dos brasileiros.

*

Pelo que procuramos demonstrar acima, a crônica serviu como inegável instrumento de divulgação da cultura gálica em nosso meio e, mais do que isso, como modo de incorporação dessa cultura à realidade nacional, já que, não poucas vezes, atuou numa perspectiva deliberadamente ecomiástica. Isso revela, entre outras coisas, a dimensão da presença francesa no Brasil, uma presença que estudos específicos sobre o assunto têm demonstrado não ser nada desprezível.

Mas, sobretudo, revela a influência da cultura francesa sobre a produção literária nacional, que já se iniciara no século XIX pelo romance, para - no século XX - atingir definitivamente outros gêneros literários, entre eles a própria crônica. De resto, toda literatura brasileira parece ser moldada - como já ressaltara Antonio Cândido - pela dialética do local e do universal, do nacional e do estrangeiro. (CÂNDIDO, 1989) No começo do século, portanto, a produção dos cronistas serviu como elemento de consolidação dessa dialética, particularmente no que concerne aos laços culturais estabelecidos entre as civilizações francesa e brasileira. Não sem razão, estamos nos referindo a um período em que a presença da cultura francesa entre a elite brasileira parece

ter sido mais intensa do que em qualquer outra. (NEEDELL, 1993)

A França transforma-se, portanto, na principal referência cultural para o Brasil do começo do século; e sua capital torna-se um verdadeiro ideal de vida para os brasileiros. De todos os modos, em todos os sentidos e a qualquer custo, o Rio de Janeiro procurava igualar-se a Paris, mesmo que esta aproximação seja simbolizada por um silogismo longe de encontrar sustentação na realidade concreta: se no século XIX, podia-se dizer sem exageros que “o Rio de Janeiro é o Brasil” (AZEVEDO, 1977, p. 26) e no século XX, que “Paris é o Rio de Janeiro”, (FONTES, s.d., p. 16), a conclusão necessária dessas duas premissas só podia ser a de que *o Brasil é Paris*. Esta parece ser a idéia que, pelas páginas efêmeras de nossos periódicos, se queria passar a todo instante. E nesse sentido, não se economizavam evocações dessa Paris ao mesmo tempo estimada e temida, límpida e misteriosa:

Paris... Paris...: as duas syllabas magicas cantavam-me nos ouvidos uma canção de amor, e os seus boulevards e os seus jardins, os seus theatros e os seus cabarets, a Opera e o Louvre, Montmartre e o Bairro Latino, o Bois e o Café de la Paix, toda a vida misteriosa, complexa e vertiginosa da grande cidade (..) passava ante meus olhos com a rapidez das fitas cinematographicas (...) Oh Pariz! Pariz!... Como transformas as almas, mesmo as mais austeras e sisudas... (CARVALHO, 1909, p. 58/67)

É toda uma gama de sensações alucinantes e de sentimentos arrebatadores, próprios de uma civilização embriagada pela realidade parisiense, uma realidade que se lhes parecia cada vez mais fantástica, cada vez mais febricitante, como revelam estas palavras modelares de um desconhecido cronista da célebre revista *A Cigarra*:

nenhuma cidade nos podia dar tantas sensações de artistas e de amantes; a rua em Paris torna-se o Eden feérico dos desejos, das admirações, das aventuras... (UZANNE, 1916)

Cidade que transforma as almas austeras e sisudas, local privilegiado de uma vida

maravilhosamente vertiginosa, paraíso fantástico dos desejos... Com razão, a capital francesa tornara-se, para a realidade brasileira, não apenas um ponto de referência obrigatório, mas sobretudo um espaço para o qual se voltavam nossa imagem ideal de civilização. Por isso mesmo, ela parecia revelar-se-nos - sempre e a um só tempo - sob faces distintas, mas complementares: como anseio e utopia, desejo e recordação, saudade e nostalgia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALI, Said. *Difficuldades da Língua Portuguesa. Estudos e Observações*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1930.
- ANÔNIMO. “O Theatro Municipal ha 6 annos”. *Illustração Brasileira*, Paris, No. 04: 70, Jul. 1909.
- ANÔNIMO. “A moda exagerada e de mau gosto”. *Brasil Illustrado*, Rio de Janeiro, No. 03: 107-108, Ago. 1917.
- ATHAYDE, Raymundo A. de. *Pereira Passos. O Reformador do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, A Noite, s.d.
- AZEVEDO, Aluísio de. *O Mulato*. São Paulo, Ática, 1977.
- BANDEIRA, Souza. *Páginas Literárias*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1917.
- BARRETO, Mario. *Estudos da Lingua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Livraria da Viuva Azevedo, 1903.
- BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos: Um Haussmann Tropical. A Renovação Urbana da Cidade do Rio de Janeiro no Início do Século XX*. Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, 1990.
- BRESCIANI, Maria Stella Martins. “Metrópoles: as Faces do Monstro Urbano (As Cidades no Século XIX). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, Vol. 05, No. 08/09: 33-68, Set. 1984/Abr. 1985.
- BROCA, Brito. *A Vida Literária no Brasil. 1900*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1960.
- BROCA, Brito. *Teatro das Letras*. Campinas, Unicamp, 1993.

- CÂNDIDO, Antônio. "Literatura e Subdesenvolvimento". *A Educação pela Noite e Outros Ensaios*. São Paulo, Ática, 1989, p. 140-162.
- CÂNDIDO, Antônio *et Alii*. *A Crônica. O Gênero, sua Fixação e suas Transformações no Brasil*. São Paulo/Rio de Janeiro, Unicamp/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
- CARVALHO, Elysio de. *Five o' Clock*. Rio de Janeiro, Garnier, 1909.
- CARVALHO, José Murilo de. *A Formação das Almas. O Imaginário da República no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.
- DENIPOTI, Cláudio. "Fashionable Images: the Word of Fashion through Photographic Images of the Turn of the Century - A Case Study". *Ibero American. Nordic Journal of Latin American Studies*, Vol. XXIV, No. 02: 02-18, 1994.
- DIMAS, Antonio. "Ambigüidade da Crônica: literatura ou jornalismo?". *Littera*, Ano IV, No. 12: 46-51, Set./Dez. 1974.
- FONTES, Martins. *Nós, as Abelhas (Reminiscencias da Epocha de Bilac)*. São Paulo, J. Fagundes, s.d.
- LISBOA, Alfredo. "A Avenida Central". *Kosmos*, Rio de Janeiro, No. 11, Nov. 1904.
- LOPEZ, Telê Ancona. "A Crônica de Mário de Andrade: Impressões que historiam". In: CÂNDIDO, Antônio *et Alii*. *A Crônica. O Gênero, sua Fixação e suas Transformações no Brasil*. São Paulo/Rio de Janeiro, Unicamp/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992, p. 165-188.
- LUSO, João. *Reflexos do Rio*. Porto, Chardron, 1923.
- MARTINS, Luis. "Do Folhetim à Crônica". *Suplemento Literário*. São Paulo, Conselho Estadual de Cultura, 1972, p. 11-18.
- NEEDELL, Jeffrey D. *Belle Époque Tropical. Sociedade e Cultura de Elite no Rio de Janeiro na Virada do Século*. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.
- NEIVA, Arthur. *Daqui e de Longe... Crônicas Nacionais e de Viagem*. São Paulo, Melhoramentos, 1927.
- NETO, Coelho. *O Meu Dia*. Porto, Lello & Irmão, 1922.
- NETO, Coelho. *Livro de Prata*. São Paulo, Livraria Liberdade, 1928.
- NEVES, Fernão. *A Academia Brasileira de Letras. Notas e Documentos para a sua História (1896-1940)*. Rio de Janeiro, Publicações da Academia Brasileira, 1940.
- PECHMAN, Sérgio e FRITSCH, Lilian. "A Reforma Urbana e o seu Averso: Algumas

Considerações a Propósito da Modernização do Distrito Federal na Virada do Século”. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, Vol. 05, No. 08-09: 139-195, set. 1984-abr. 1985.

R. “Notas de um Fluminense”. *Ilustração Brasileira*, Paris, No. 19: 59-60, Mar. 1910.

TSEELON, Efrat. "Fashion and the Signification of Social Order". *Semiotica. Journal of the International Association for Semiotic Studies*, Vol. 91, No. 1/2: 01-14, 1992.

UZANNE, Octavio. “Vida Doméstica. A Moderna Mulher Parisiense”. *A Cigarra*, São Paulo, No. 57, Dez. 1916.